

Método em educação cristã e modelos narrativos¹

Method and narrative models in christian education

Remí Klein*

Doutor em Teologia.

Professor da Faculdades EST e da Unisinos.

remiklein@terra.com.br.

Resumo:

O tema deste texto é a narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança, com enfoque especial em fundamentos e modelos narrativos, em busca de critérios e paradigmas para a prática narrativa de histórias bíblicas com crianças. Apresenta-se a narrativa como gênero literário importante na Bíblia e a narração de histórias bíblicas, em especial com crianças, como atividade fundamental no processo de ensino-aprendizagem na fé, em famílias, escolas, comunidades e outros contextos de Educação Cristã. Descreve-se a atividade narrativa, outrossim, como um processo interdisciplinar com múltiplas dimensões que se interrelacionam profundamente, fornecendo dados e conceitos que ajudem a identificar elementos constitutivos do processo narrativo. A partir de pesquisa bibliográfica, aponta-se a narração de histórias bíblicas como princípio pedagógico, teológico e metodológico por excelência na Educação Cristã com crianças. Enfoca-se a narração e a questão do método e aborda-se modelos narrativos para o trabalho em Educação Cristã, com vistas a uma Teologia mais contextualizada à realidade e à vida das crianças. Por meio de identificação, exemplificação, análise e proposição de diferentes modelos narrativos, apresenta-se critérios norteadores para a prática narrativa com crianças, em famílias, escolas, comunidades e outros contextos de Educação Cristã.

Palavras-chave:

Criança. Bíblia. História. Narração. Método.

Abstract:

The topic of this text is the telling of Bible stories in the perspective of children, with a special emphasis on foundations and narrative models, in the search for criteria and paradigms for the practice of telling Bible stories to children. The narrative is presented as an important literary genre in the Bible and the telling of Bible stories, especially to children, is seen as a fundamental activity in the process of teaching and learning the faith in families, schools, congregations and other contexts of Christian Education. The narrative activity is described as an interdisciplinary process with multiple dimensions that are profoundly interrelated, providing data and concepts that help to identify the constitutive elements of the narrative process. On the basis of bibliographical research, the telling of Bible stories is shown to be a pedagogical, theological and methodological principle par excellence in Christian Education with children. This text focuses on narration and the question of method and deals with narrative models for the work in Christian Education, aiming at a theology that is more contextualized in children's reality and life. Through the identification, illustration, analysis and proposal of different narrative models, this text presents guidelines for the narrative practice with children in families, schools, congregations and other contexts of Christian Education.

Keywords:

Child. Bible. Story. Telling. Method.

¹ Artigo baseado no terceiro capítulo da Dissertação de Mestrado: KLEIN, Remí. *A narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1996. Nas edições anteriores publicou-se uma abordagem pedagógica (A criança e a narração) e uma abordagem bíblico-teológica (A criança, a Bíblia e a história) na sequência de três artigos adaptados da referida dissertação.

* Doutor em Teologia na Área de Concentração de Religião e Educação, docente na Faculdades EST e na UNISINOS e integrante do Grupo de Pesquisa *Currículo, Identidade Religiosa e Práxis Educativa*. E-mail: remiklein@terra.com.br.

Introdução

Menino ainda, jovem depois, homem afinal, em quem, contudo, o menino continuou vivo, me fascinava e me fascina, nos Evangelhos, a indivisibilidade entre seu conteúdo e o método com que o Cristo os comunicava.²

[...] o que as crianças aprendem não coincide com aquilo que lhes é ensinado. Nem os conteúdos nem a seqüência do ensino correspondem sempre aos processos de aprendizagem. É necessário, portanto, saber que existe um espaço de elaboração do sujeito, mediando ensino e aprendizagem - e nem sempre há correspondência dos percursos de ambos - ensino e aprendizagem.³

Tendo por base as considerações pedagógicas em relação à narração de histórias bíblicas com crianças elaboradas no primeiro artigo (edição nº 24) e as considerações bíblico-teológicas abordadas no segundo artigo (edição nº 25), traz-se, a seguir, neste artigo, algumas considerações metodológicas, desdobradas em duas partes, a saber: a narração como método em Educação Cristã e modelos narrativos.

A narração como método

Os manuais de ensino em geral não referem a narração como um método educativo ou a apresentam meramente como técnica ou estratégia, separada de método e metodologia. Técnicas narrativas têm sido demonstradas como efetivas, mas pouca reflexão tem sido feita sobre a narração como método educativo em seu sentido mais abrangente. Ao falar na narração como método parte-se do princípio de que a práxis de vida é constituída de um mundo narrativo e de que há um grande poder educativo contido numa narração. A narração como método não consiste apenas na forma de narrar ou ouvir histórias. Consiste em ver-se a si mesmo como vivendo a história, procurando narrá-la, interpretá-la e participar de modo mais amplo na mesma, vivenciando-a. A narração de histórias em geral e de histórias bíblicas

em especial é meio fundamental de ver, perceber e compreender o mundo e a existência. Via narração de histórias bíblicas tem-se um acesso e uma aproximação privilegiados à Teologia, a qual se expressa, sobretudo, em histórias. E estas têm um poder que vai além da habilidade dramática do narrador ou da habilidade interpretativa do ouvinte. Neste sentido, referindo-se ao poder das parábolas, Mc Fague afirma: "Nós não interpretamos a parábola, mas a parábola interpreta a nós."⁴ Dizer isto é reconhecer que as parábolas e outras histórias, sejam elas bíblicas ou não, têm poder. Elas são formativas, criativas e libertadoras. Por isso, histórias ou narrativas são essenciais e a narração enquanto método é imprescindível na educação em geral e na Educação Cristã em especial.

Antes de refletir sobre a narração como método, faz-se necessário explicitar o conceito de método em educação e Educação Cristã, evidenciando sua estreita interrelação e profunda integração com todo o processo educativo. Não é meramente, portanto, um conjunto de técnicas didáticas que dão bons resultados. Deve ser entendida de forma ampla, como mediação no processo de ensino-aprendizagem, segundo definição de Matthias Preiswerk:

Por 'método' entiendo el conjunto de las acciones y de las reflexiones intermedias y mediadoras en la educación. El método recubre todo lo que pasa entre los diferentes actores sociales, entre el contexto y las finalidades, entre los medios utilizados y los resultados conseguidos.⁵

O método não se separa do conteúdo. O 'como' faz parte do 'quê'. Neste sentido, Therezinha Motta Lima da Cruz identifica o método como conteúdo, enfatizando a necessidade de sua coerência com os objetivos:

O método só se separa do conteúdo para uma análise teórica ou uma sistematização; na

² FREIRE, Paulo. Conhecer, praticar, ensinar os Evangelhos. *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 154, p. 7, out. 1979.

³ AZENHA, Maria da Graça. *Construtivismo de Piaget a Emilia Ferreiro*. São Paulo: Ática, 1993. p. 90.

⁴ Apud AZENHA, 1993, p. 162.

⁵ PREISWERK, Matthias. *Educación Popular y Teología de la Liberación*. San José: DEI/Seminario Bíblico Latinoamericano, 1994. p. 187.

verdade e na prática, faz parte do conteúdo na exata medida em que é vivenciado como parte da experiência escolar, ou seja, faz parte do currículo. O método pode desmentir ou confirmar o conteúdo explícito. Além disso, não ensinamos só através daquilo que fazemos. Ensinamos - muito mais do que percebemos - também por aquilo que omitimos, pelo que nunca se diz, pelo que se cala ou se deixa na sombra.⁶

No artigo intitulado *Conhecer, praticar, ensinar os Evangelhos*, Paulo Freire fala na indivisibilidade entre conteúdo e método na pedagogia de Cristo e da sua compreensão do ato de ensino-aprendizagem da Palavra:

Menino ainda, jovem depois, homem afinal, em quem, contudo, o menino continuou vivo, me fascinava e me fascina, nos Evangelhos, a indivisibilidade entre seu conteúdo e o método com que o Cristo os comunicava. O ensino do Cristo não era nem poderia ser o de quem, como muitos de nós, julgando-se possuidor de uma verdade, buscava impô-la ou simplesmente transferi-la. Verdade Ele mesmo, Verbo que se fez carne, História viva, sua pedagogia era a do testemunho de uma Presença que contradizia, que denunciava e anunciava. Verbo encarnado, Verdade Ele mesmo, a palavra que d'Ele emanava não poderia ser uma palavra que, dita, dela se dissesse que foi, mas uma palavra que sempre estaria sendo. Esta palavra jamais poderia ser aprendida se não fosse apreendida e não seria apreendida se não fosse igualmente por nós 'encarnada'. [...] Sua palavra não é som que voa: é PALAVRAÇÃO.⁷

Conforme Freire, aprender a Palavra implica em apreendê-la, o que, por sua vez, implica em 'encarná-la', o que ele denomina de 'palavração'. Falar em método na Educação Cristã implica, pois, em perguntar pela forma como se dá a aprendizagem na fé. Considerando a narração de histórias bíblicas um método central nesta aprendizagem, aponta-se para a mesma como forma privilegiada de aprender, interpretar e

comunicar os conteúdos da fé. Este esquema de aprendizagem baseia-se na proposta de Preiswerk quanto à Educação Popular e à Teologia da Libertação, que refere três questões ou enfoques sobre método, a saber: "aprender a aprender", "aprender a interpretar" e "aprender a comunicar".⁸ Aprender a aprender aponta para a questão epistemológica, aprender a interpretar aponta para a questão hermenêutica e aprender a comunicar aponta para a questão comunicativa. Segue-se, a seguir, breve descrição destes três enfoques de método, relacionando-os com a narração de histórias bíblicas enquanto método fundamental em Educação Cristã.

Aprender a aprender - a narração e a questão epistemológica

Como aprender a fé? É possível aprender a fé? Estas devem ser perguntas fundamentais da narração como método e de qualquer outro método em Educação Cristã. Entende-se a fé como dom de Deus e, como tal, ela não pode ser ensinada ou aprendida, mas os conteúdos da fé, estes, sim, podem ser ensinados e aprendidos. Na abordagem a seguir sobre "aprender a aprender", parte-se, pois, deste pressuposto epistemológico da fé compreendida como dom divino e como resposta humana.

Com base em Juan Luis Segundo, Preiswerk aponta a metáfora do "nó metodológico" para caracterizar a questão da aprendizagem na fé:

Decir que los contenidos de la fe son unos 'símbolos metodológicos', es afirmar que no hay aprendizaje de la fe en la acumulación de informaciones, sino solamente en un aprender a aprender capaz de relacionar el contenido de la fe y la experiencia que la generó históricamente.

La formulación de los contenidos de la fe es un esfuerzo que hay que rehacer constantemente a través de una cadena de relaciones. Es la cuestión de la tradición y de los testigos. Para Segundo, la fe depende más de las relaciones y de las personas que de la absolutización del contenido de lo que creemos. La fe se halla unida a un aprendizaje,

⁶ CRUZ, Therezinha Motta Lima da. Para uma metodologia do Ensino Religioso Ecumênico. *Cadernos de estudo*, São Leopoldo, n. 31, p. 35-43, 1996. p. 35.

⁷ FREIRE, 1979, p. 7.

⁸ PREISWERK, 1994, p. 187ss.

a uma dinâmica educativa representada por unos testigos que nos enseñan a aprender.

[...] La fe es una estructura de sentidos y de valores, que permiten acoger la revelación, entrar en su dinámica pedagógica y proseguirla. la fe recrea a la revelación y no se contenta con reproducirla tal cual.⁹

As considerações pedagógicas e bíblico-teológicas, desenvolvidas nos dois artigos anteriores, destacam e enfatizam o papel importante e central da narração de histórias bíblicas nesta dinâmica educativa de ensino-aprendizagem dos conteúdos da fé. A narração de histórias bíblicas é concebida como comunicação dinâmica da revelação divina por meio de um processo educativo em que o duplo sujeito (narrador e ouvinte) acolhe e recria a revelação, reinterpretando-a e articulando-a para dentro de sua práxis de vida, gerando novos conhecimentos e 'pró-seguimentos', ou seja, fé humana a partir da revelação divina. Nesta concepção antropológica da dinâmica educativa mediada pela narração ressalta-se, ao lado e até acima do conteúdo, o papel fundamental exercido por pessoas e relações, por "testemunhas que nos ensinam a aprender", o que Fowler denomina de "centros compartilhados de valor e poder"¹⁰. Método e conteúdo são igualmente importantes e estão intrinsecamente interrelacionados no processo da narração, sendo esta concepção um pressuposto fundamental ao se tratar da questão epistemológica em relação à aprendizagem da fé e à narração como método em Educação Cristã.

Aprender a interpretar - a narração e a questão hermenêutica

Partindo da compreensão epistemológica de que a fé é dom divino, mas também resposta humana, pode-se dizer que ela é um modo de conhecimento, sendo esta aprendizagem sempre inscrita dentro de uma dinâmica hermenêutica, na qual a narração de histórias bíblicas exerce papel de mediação e de articulação entre revelação divina e fé humana, entre ensino e aprendizagem na fé. A

partir deste pressuposto do papel mediador da narração na Educação Cristã em termos de ensino-aprendizagem dos conteúdos da fé, deve-se perguntar de que maneira as crianças, como sujeitos de reflexão teológica, interpretam estes conteúdos. O dom da fé não é qualitativa ou quantitativamente diferente para as crianças, mas as suas condições de recepção e interpretação variam, conforme assunto já desenvolvido no segundo artigo anteriormente referido.

Por isso, não é possível falar em narração enquanto método sem mencionar a hermenêutica, que se constitui no processo central de todo método teológico. Ela se encontra no centro do diálogo entre a Teologia, a Pedagogia, a Filosofia, as ciências sociais, as ciências da linguagem e outras ciências humanas, parceiras na Educação Cristã. Não existe nenhum discurso acerca da fé que não seja, ao mesmo tempo e de forma permanente, uma interpretação desta. Neste processo interpretativo entram duas tarefas: a descontextualização e a recontextualização, já anteriormente explicitadas a partir de Ricoeur¹¹, sendo esta tensão constitutiva da narração como método. Ricoeur fundamenta a hermenêutica sobre a base de uma articulação dialética entre a compreensão e a explicação. Ele desdobra sua reflexão em dois momentos ou paradigmas: do texto e da leitura como recriação do texto¹², o que, em termos do tema em estudo, corresponde à narrativa e à narração.

Croatto, fortemente inspirado em Ricoeur, elabora sua hermenêutica a partir da Linguística e da Semiótica, enfatizando o constante movimento de fechamento e de abertura de sentido, o qual se enriquece com as distâncias sucessivas: da língua à palavra, da palavra à escritura e da escritura à leitura, estabelecendo-se uma relação de interdependência entre a exegese e a "eisegese"¹³, tema este já abordado no segundo artigo sob o enfoque da releitura bíblica na perspectiva da criança.

⁹ PREISWERK, 1994, p. 200-201.

¹⁰ FOWLER, James. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 25ss.

¹¹ RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1977. p. 53.

¹² Apud PREISWERK, 1994, p. 235.

¹³ CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica*. para uma teoria de leitura como produção de significado. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1985. p. 59.

Partindo da leitura bíblica feita pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Carlos Mesters refere três forças explicativas: pretexto, texto e contexto, sendo que a interpretação de uma história bíblica se dá a partir destas interações.¹⁴ Nas experiências bíblicas das CEBs, a Bíblia adquire uma função de espelho, refletindo a vida do povo e lendo o Evangelho na vida (O povo lê a Bíblia e a Bíblia lê o povo), ou seja, a hermenêutica bíblica é fortemente influenciada pelo contexto da vida, conforme se pode ver nas seguintes afirmações de Preiswerk:

La hermenéutica cristiana tiene una dimensión existencial y no solamente histórica: el libro y la vida se interpretan mutuamente. [...] En términos educativos, la interpretación bíblica latinoamericana es la producción de un sentido a lo largo de una tarea en la que intervienen diferentes actores sociales y culturales. No es el parto del sentido verdadero de la Palabra [...]; no se trata de una mayéutica bíblica. Hay una fecundación: la 'palabra liberadora' del Evangelio se une con la 'palabra creadora' que actúa en la vida.¹⁵

Neste sentido, narração como método implica em aprender a interpretar, visto que, em termos metodológicos, há a necessidade de se fazer uma aprendizagem da interpretação entre a Bíblia e a vida, entre o mundo do texto e o mundo da ação educativa, criadora e transformadora, com vistas à produção de um sentido. Com base em Ricoeur, Croatto, Mesters e Preiswerk pode-se dizer, portanto, que a narração de histórias bíblicas, como toda leitura bíblica, se baseia em um constante movimento de ida e vinda entre a história da Bíblia e a história da vida, o que constitui o círculo hermenêutico e é constitutivo também da narração como método, em que estão presentes relações complexas entre aprender, crer e interpretar.

A narração como método em Educação Cristã é, portanto, uma ação educativa e uma prática hermenêutica, buscando dar sentido e englobando discurso e ação, ou seja, discurso convertido em narrativa e ação objetivada em narração. Assim, o narrador se torna hermeneuta, fazendo nascer novos sentidos para dentro de práticas educativas

novas, gerando nos seus ouvintes uma apropriação e uma validação, mediante a reinterpretação e recriação da história bíblica para dentro do seu contexto de vida. Nisto consiste o "aprender a interpretar", ou seja, a questão hermenêutica em relação à narração como método.

Aprender a comunicar - a narração e a questão comunicativa

Outra questão que se encontra no centro da narração, como de qualquer método educativo, é a comunicação.¹⁶ A narração de histórias bíblicas é essencialmente um trabalho *da* palavra, *sobre* a palavra e *com* a palavra. A palavra e a linguagem são centrais na ação educativa em geral e também, em especial, na Educação Cristã. A comunicação e a narração se interpenetram e se interrelacionam. A comunicação não assume, porém, apenas uma função informativa, mas também formativa, não servindo apenas para transmitir e atualizar sentidos, mas também para produzi-los, tornando-se, assim, paradigma fundamental na narração. Conforme Emerich Coreth: "Nosso horizonte de compreensão [...] é sempre um determinado mundo lingüístico, ou seja, um mundo aberto pela linguagem, lingüisticamente interpretado, lingüisticamente mediado [...]."¹⁷

Na narração como método, a palavra e a linguagem não se limitam a técnicas e a meios e não são meros instrumentos de comunicação, mas formas de apreender a história e a realidade, num processo global e dialogal de "leitura da palavramundo"¹⁸, possibilitando aos sujeitos situar-se no mundo, conhecê-lo, interpretá-lo e transformá-lo. Isto se evidencia tanto nos "círculos de cultura" na proposta de alfabetização de Freire como nos "círculos bíblicos" de Mesters e das Comunidades Eclesiais de Base, onde não se trata da aprendizagem e da apropriação da fala e da história do outro, mas do resgate e do redescobrimto da sua própria fala e história.

¹⁶ Para aprofundar este assunto recomenda-se o estudo da Teoria da Ação Comunicativa, de Jürgen Habermas. Cf. PREISWERK, 1994, p. 249-280.

¹⁷ CORETH, Emerich. *Questões fundamentais da Hermenêutica*. São Paulo: EPU & EDUSP, 1973. p. 43.

¹⁸ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982. p. 12.

¹⁴ Apud PREISWERK, 1994, p. 227.

¹⁵ PREISWERK, 1994, p. 217 e 232.

Chama a atenção que em ambas as propostas apareça o termo "círculos", sem dúvida muito expressivo e significativo por sua simbologia e sua conotação, apontando para igualdade, diálogo, comunhão, palavra partilhada, práxis compartilhada. Lembra a afirmação de Freire: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo."¹⁹

É isto que se entende por aprender a comunicar: o ensaio e o exercício de uma comunicação dialógica, participativa, encarnada, interativa, correlacional e dialética, sendo esta questão comunicativa um dos pilares fundamentais da narração.

Neste sentido, na busca por uma concepção de narração como método em Educação Cristã, não se pode prescindir dos três pressupostos e paradigmas básicos acima abordados, a saber: a epistemologia, a hermenêutica e a comunicação; aprender a aprender, aprender a interpretar e aprender a comunicar. Uma abordagem metodológica da narração sob estes três ângulos de forma integrada, integrante e integradora oportuniza a interação e a correlação entre a Teologia, a Pedagogia e as outras ciências humanas; entre a exegese e a eisegese; entre o conteúdo e o método; entre o narrador e o(s) ouvinte(s); enfim, entre a história da Bíblia e a história de vida de cada sujeito envolvido no processo narrativo de ensino-aprendizagem na fé.

A partir desta abordagem de caráter mais referencial sobre a narração como método, passa-se, a seguir, a uma parte de aplicação prática, ou seja, à explicitação de alguns modelos narrativos para o uso com crianças.

Modelos narrativos

Traz-se uma exemplificação de alguns modelos narrativos que favorecem uma concepção de narração mais dialética, interpessoal, interativa e correlacional. Visa-se auxiliar educadores cristãos e educadoras cristãs a desenvolverem uma prática narrativa mais contextualizada e na perspectiva das crianças, enquanto sujeitos do seu processo de

aprendizagem na fé. Traz-se uma descrição de alguns modelos narrativos de histórias bíblicas nesta sua perspectiva, identificando, descrevendo, exemplificando e comentando cada modelo a partir dos critérios norteadores elaborados e fundamentados previamente neste artigo. Trata-se essencialmente de uma práxis compartilhada de ação-reflexão-ação. Por isso, mais do que amostras, espera-se que estas descrições de modelos narrativos também auxiliem a outros em sua prática narrativa de histórias bíblicas com crianças, num processo constante, contínuo e sempre renovado de ação-reflexão-ação em termos de método em Educação Cristã e de ensino-aprendizagem na fé.

Leitura narrativa

Não se trata de um modelo narrativo propriamente dito, mas de uma leitura bíblica mais criativa e participativa. Traz-se estas formas de leitura expressiva e dialogada como exemplificação de que uma história ou qualquer outro texto bíblico se pode tornar mais significativo e existencial para seus leitores ou ouvintes a partir do uso de uma boa metodologia. Parte-se do pressuposto já fundamentado anteriormente de que conteúdo e método estão intrinsecamente relacionados numa narração, dependendo a apreensão da mensagem em grande parte da forma de apresentação da história.

A leitura narrativa consiste numa apresentação dialogada ou responsiva de um texto, conforme a seguinte dinâmica: Identifica-se na história bíblica a ser lida os diferentes personagens e pede-se a diversos participantes do grupo que assumam as falas dos referidos personagens. O coordenador lê o texto correspondente ao narrador e cada participante lê o texto referente ao seu personagem, isto é, as falas na ordem direta. Cria-se, assim, um texto mais dinâmico e dialogal, tornando a leitura bíblica mais expressiva e participativa, mais próxima e existencial para os leitores e ouvintes, enfim, uma leitura narrativa.

Como exemplificação traz-se uma amostra de leitura narrativa referente a Deuteronômio 26.1-11.²⁰ Sugere-se que o coordenador leia as partes do

¹⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p. 68.

²⁰ DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB.

narrador e que os participantes leiam, em conjunto, a fala do israelita, ou seja, todos os textos que aparecem na ordem direta (versículos 3b, 5b-10a). Como se pode perceber, trata-se de um modelo de leitura bíblica bem simples, que não requer maior preparo, bastando apenas uma identificação prévia dos personagens do texto e de suas falas e uma distribuição dos referidos papéis entre os participantes da leitura narrativa. Observe-se o ofertório sugerido como parte integrante da leitura. Quer-se ressaltar e resgatar, assim, a dimensão intrínseca existente, em Israel, no Antigo Testamento, entre narrar e celebrar a história do agir de Deus com o seu povo.

A título de mais uma exemplificação e de mais um exercício de leitura narrativa, aponta-se ainda para outro texto de Mateus 25.31-46. Pode-se identificar aí os seguintes papéis: o narrador, o Rei, o grupo dos "benditos" e o grupo dos "malditos". Uma leitura dialogada e responsiva do referido texto cria, sem dúvida, maior impacto de seu conteúdo e de sua mensagem. Tal apresentação do texto bíblico pode ser feita simplesmente em forma de leitura narrativa, associada ou não com expressão corporal e encenação. Quanto maior envolvimento direto e pessoal for oportunizado aos leitores ou ouvintes, enquanto sujeitos, tanto maior será seu confronto com o conteúdo e a mensagem da história bíblica com vistas a ela tornar-se a 'sua' história.

A leitura expressiva é outra forma de leitura narrativa, consistindo na seguinte dinâmica: Distribui-se o texto de uma história por escrito e pede-se a cada participante que o leia e que assinale as palavras, expressões ou frases mais significativas. A seguir, passa-se a ler a história em conjunto, de forma bem pausada, da seguinte maneira: Cada participante lê apenas as palavras, expressões ou frases por ele assinaladas, destacando e evidenciando o que é marcante e significativo para si. Cria-se maior impacto e a leitura torna-se mais expressiva e existencial, enfim, uma leitura narrativa. Após a leitura, pode-se dar espaço aos leitores para que comentem o que assinalaram e por que o fizeram. Pode-se fazer este tipo de leitura a

partir do próprio texto bíblico, preferencialmente na linguagem de hoje, ou, então, a partir de um texto adaptado às crianças. A título de exemplificação, aponta-se o texto de Lucas 24.13-35 - a história dos discípulos a caminho de Emaús. Neste texto, os versículos 30 e 31 são, em geral, os mais assinalados e lidos pelos participantes, no que se destaca e evidencia o cerne da história e sua mensagem central.²¹

Narração em coro

Outro modelo de apresentação de uma história é a narração em coro. Constitui-se numa participação ativa dos ouvintes, pela voz e/ou pelos gestos e movimentos, podendo ser bastante variável. A interferência falada consiste numa palavra ou frase que todos repetem em determinados momentos do enredo. A interferência cantada consiste num estribilho que todos cantam em determinados momentos. O narrador ainda pode dividir os ouvintes em diferentes grupos e, em determinados momentos, cada grupo fala, canta ou gesticula conforme a sugestão do enredo. Para facilitar a interferência dos ouvintes, recomenda-se que o narrador convide um "regente" ou "maestro" para auxiliá-lo nesta narração em coro. O "regente" deve ter cópia do texto da narração para saber em que ponto deve entrar em ação. Os ouvintes formam o "coro" e repetem tudo o que o "regente" diz.

A interferência na narração em coro depende da criatividade do narrador, que a incorpora ao texto para tornar a narrativa mais atraente e participativa. É excelente recurso para narração com grupo numeroso, em locais abertos, facilitando a concentração, oportunizando a participação dos ouvintes e dando destaque à mensagem central da história. No entanto, é preciso ter cuidado para não transformar a narração em 'programa de auditório'. A maioria das histórias oferece oportunidades de interferência, mas esta deve surgir em decorrência do enredo, devendo ser preparada previamente pelo narrador.

Festas na comunidade cristã. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p.61-63.

²¹ WACHS, Manfredo Carlos. No gesto Deus se revela. DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB. *Somos confirmados*: livro do confirmando. São Leopoldo: Sinodal, v. 1, 1989. p. 100-101.

A título de exemplificação refere-se uma narração em coro elaborada com base no texto de Lucas 22.1-6, a história do pacto da traição.²² Na abordagem depara-se com uma questão difícil e controversa de ser trabalhada com as crianças: teve Judas culpa na traição de Jesus ou foi ele instrumento de Satanás a serviço do mal? A partir do evangelista, a segunda ênfase é mais forte. Por isso, destaca-se mais este aspecto na narração, enfocando mais a questão do mal em si, ao invés de se enfatizar demais a culpa pessoal e individual de Judas. Jesus não condenou a Judas, mas questionou sua atitude. Por ocasião da traição, Jesus ainda o chamou de "amigo" (Mateus 26.50). Procura-se trazer esta ênfase numa narração em coro, sendo que o "coro" sempre repete a mesma mensagem: "Judas, Deus também ama a ti. Escuta a boa notícia." Este convite de Jesus a Judas é o mesmo desde o chamado para ser um dos doze discípulos até sua traição. Repetindo em "coro" estas frases, as crianças captam com maior facilidade a ênfase que se quer destacar em termos de mensagem central desta história.

Trata-se de um modelo narrativo pouco conhecido e pouco em uso na prática narrativa com crianças na Educação Cristã. Um grande ensaísta e inspirador da narração em coro de histórias bíblicas na Alemanha foi Jürgen Koerver, tendo inúmeros textos com reflexões e exemplos seus publicados em língua alemã sobre este modelo narrativo.²³ Este modelo narrativo visa proporcionar às crianças maior participação e maior envolvimento no processo narrativo, enfatizando de forma destacada a mensagem central da história. A título de exemplificação refere-se uma história baseada em Lucas 2.8-20 com uso desta técnica da narração em coro. No referido texto, o autor sugere uma adaptação do versículo 14 como frase de interferência a ser falada cinco vezes pelo "regente" para ser repetida pelos ouvintes: "Glória a Deus nas maiores alturas e paz na Terra entre as pessoas."²⁴

Assim, certamente, os ouvintes percebem, com mais facilidade e de forma participativa, a ênfase central desta história dos anjos e dos pastores no contexto do nascimento de Jesus. Neste exemplo descrito, o "regente" e o "coro" intercalam os mesmos dizeres durante toda a narração. Pode-se, naturalmente, variar os textos a serem intercalados, bem como variar também a forma de apresentá-los, não se limitando apenas à fala, mas usando também canto, gestos e movimentos, de acordo com dons e criatividade de cada narrador e de cada grupo de ouvintes.

Uma variante da narração em coro é o jogral. Ele é originário da Grécia antiga, onde exercia importante papel no enredo do drama. Na Idade Média, assumiu caráter religioso, sendo até hoje seu uso muito comum em cultos e celebrações em comunidades e escolas. Guardiano assim define o jogral:

Jogral ou coro falado é a apresentação vocal (lida ou memorizada) de um trecho qualquer (poesia ou prosa), com unidade e beleza por um grupo de atores ou amadores. O resultado depende da clareza de expressão, e todo o segredo, base do jogral, está no ritmo, cadência, sincronização e fusão das vozes dos participantes.²⁵

Trata-se, portanto, de uma leitura mais dinâmica, expressiva, envolvente e criativa, que pode ser usada para apresentar uma história bíblica. Aproxima-se de uma encenação e, como tal, exige preparo, ensaio, criatividade e participação. Não basta apenas dividir um texto em frases ou parágrafos e distribuir sua leitura entre um grupo de pessoas. O jogral consiste no uso de palavras, expressões e frases curtas, preferencialmente memorizadas e faladas de forma dinâmica por diferentes componentes em diferentes lugares e posições no palco.

Além da narração em coro e do jogral, há outras formas de narração coletiva como variantes e possibilidades a serem experimentadas no trabalho de Educação Cristã com crianças. Refere-se, a seguir, duas técnicas como sugestões

²² KLEIN, Remí. A história de Judas. DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB *Manual para o Culto Infantil 1992*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 120-121.

²³ KOERVER, Jürgen. *Die verlorene Drachme und andere biblische Erzählungen mit Chor*. Stuttgart: Verlag Junge Gemeinde, 1982. p. 330-333.

²⁴ PONICK, Edson. Paz entre as pessoas. *O Amigo das Crianças*, São Leopoldo, v. 58, n. 43, p. 1, dez. 1995.

²⁵ Apud HOFFMANN, Elvira Coelho; VILANDE, Luiza Maria Carravetta. *Domínio da expressão*. São Leopoldo, 1980. p. 81.

alternativas, especialmente apropriadas para uma abordagem nova de histórias já bem conhecidas pelas crianças:

Na primeira técnica, o narrador apenas inicia a história, identificando-a para os ouvintes e convidando-os a continuarem a mesma, dizendo cada qual, em sequência, uma frase. Assim, reconstitui-se uma história de forma participativa, cooperativa e envolvente, resgatando e compartilhando lembranças. Pode-se fazê-lo da forma convencional ou, então, a partir de determinada perspectiva, conforme exemplo referido a seguir referente à narração sob a perspectiva de um personagem. Obtém-se, assim, de forma dinâmica, novo acesso a histórias já muito conhecidas.

Na segunda técnica, o narrador convida os ouvintes a sentarem em círculo. Distribui uma folha de papel a cada um e pede que iniciem uma determinada história (a do nascimento de Jesus, por exemplo) sob determinada perspectiva (por exemplo: do anjo, de José, de Maria, de um pastor de ovelhas, de um mago, do burrinho, etc), escrevendo apenas a introdução. A seguir, todos passam a sua folha adiante, para a pessoa ao seu lado, numa direção combinada, cabendo a cada qual ler a história recebida e continuá-la sob a perspectiva iniciada. Após algum tempo, segue-se com a dinâmica até que o círculo se fecha e cada história retorna ao seu autor inicial. Então, cada qual pode concluí-la, na sua perspectiva, mas considerando também o desenvolvimento a ela dado de forma coletiva pelos demais participantes do grupo. Exercita-se, assim, de forma coletiva, diferentes perspectivas e pontos de vista referentes a histórias muitas vezes já saturadas e esgotadas em seu sentido por sua forma convencional de abordagem, como é o caso da história do nascimento de Jesus.

Narração com 'imagem-ação'

Este modelo de narração com 'imagem-ação' apresenta igualmente diversas formas, variantes ou possibilidades, a saber: a narração elaborada com fantasia e imaginação, a narração com ênfase nos cinco sentidos, a narração com delimitação geográfica e a narração descritiva com ênfase em

imagens e ações, entre outras. Aborda-se, a seguir, diversas formas de narração com 'imagem-ação', com breve descrição, exemplificação e comentário.

Uma história bíblica bem narrada desencadeia na criança um processo rico e criativo, no qual ela participa com sua própria fantasia, sua imaginação, sua experiência, seus conhecimentos, sua vida. Conforme Martim Reusch, uma narração bíblica elaborada com a fantasia e a imaginação auxilia o narrador a não só atingir a criança a nível de sua atenção (escutar atentamente) ou de sua memória (recordar cuidadosamente a história), mas também a nível de sua imaginação e sua criatividade, para que aprenda a pensar e viver a partir desta 'boa notícia'.²⁶ É exatamente isto que se quer alcançar com o trabalho narrativo.

Nas considerações pedagógicas elaboradas num primeiro artigo desta série abordando *A criança e a narração* (edição nº 24), sob o item *Narração: histórias da vida em 'imagem-ação'*, já se enfatiza que a criação de imagens é fundamental no processo narrativo, tanto para o narrador como para os ouvintes de uma história. Na narração há a necessidade de se criar imagens e expressá-las em ações para se sensibilizar com as mensagens, de modo que a história bíblica seja apreendida de forma existencial, tornando-se história de vida, ou seja, a 'sua' história. Sabe-se que toda pessoa e, sobretudo, toda criança é potencialmente imaginativa, conforme abordagem já anteriormente feita num item do referido artigo, sob o item *A narração e o desenvolvimento da criança*. Assim também a fé é essencialmente imaginativa²⁷ e a narração de histórias bíblicas pode e quer contribuir neste processo imaginativo de ensino-aprendizagem dos conteúdos da fé. Por isso, é fundamental elaborar e apresentar a narração com fantasia e imaginação.²⁸

A título de exemplificação e de convite ao próprio exercício imaginativo prévio de cada narrador com vistas ao seu preparo para a prática narrativa, refere-se um exercício elaborado por

²⁶ REUSCH, Martim. Uma narração bíblica elaborada com a fantasia e a imaginação. *Manual para o Culto Infantil 1986*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 4.

²⁷ FOWLER, 1992, p. 33.

²⁸ Para exercitar técnicas de fantasia e imaginação a partir de palavras recomenda-se ver RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

Martim Reusch com fantasia e imaginação, a partir da história do cego Bartimeu, conforme Marcos 10.46-52. Trata-se de um passo inicial de aproximação da história bíblica e de seu conteúdo. Este passo deve fazer parte em si do preparo do narrador referente a qualquer história bíblica, antecedendo a elaboração da narração propriamente dita, a qual resulta, a partir daí, sem dúvida, enriquecida pelo exercício prévio de trabalho da história com fantasia e imaginação, conforme se pode ver na seguinte afirmação de Reusch:

[...] ao trabalhar uma história bíblica com a fantasia e a imaginação, você desencadeia um processo criativo que traz a história para bem perto de você. Isto faz com que você se envolva nos acontecimentos e 'conheça' mais de perto os personagens da história, como eles vivem e como reagem no confronto e contato com o Senhor.²⁹

Este modelo de narração com 'imagem-ação' consiste em sentir, ver, ouvir e imaginar cada parte da história, participando deste processo com todo o corpo. Recomenda-se ler ou ouvir pequenos trechos e, de olhos fechados, criar e expressar imagens e gestos a partir das cenas descritas. Por meio do corpo entra-se em contato com tudo e com todos. Por meio do corpo são estabelecidas relações com outras pessoas e com Deus. Conforme João 1.14 e Filipenses 2.5-11, Deus, o Verbo, tomou corpo e se fez presente entre nós, falando, ouvindo, tocando. A experiência de Deus e a expressão da fé passam pelo corpo de cada pessoa, conforme se vê em 1 João 1.1-3:

O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e a nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida manifestou-se, e nós a temos visto, e dela damos testemunho e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantenhais comunhão conosco.³⁰

Fica o questionamento: Como se oportuniza o envolvimento de todo o corpo, tanto do narrador como dos ouvintes, nas narrações? Como se exercita os cinco sentidos? A narração com fantasia e imaginação pode ser uma porta de entrada para uma narração mais envolvente da pessoa como um todo. Como variante aos passos apontados ou como complemento a este exercício com fantasia e imaginação, pode-se, no preparo da narração, listar os cinco sentidos e arrolar tudo o que aparece na história e que esteja relacionado com cada um deles. O efeito ou o resultado da narração com ênfase nos cinco sentidos certamente é bem semelhante ao obtido pelo exercício da narração com fantasia e imaginação.

São raros os textos bíblicos que destacam explicitamente os cinco sentidos. A visão e a audição são citadas mais vezes, mas raramente os relatos enfatizam o tato, o olfato e o paladar. Por isso, é preciso buscar estes elementos nas entrelinhas do texto, sendo surpreendente a riqueza de detalhes que se pode obter para a compreensão da história e da sua mensagem e, conseqüentemente, para o enriquecimento da narração. Este é, na verdade, um exercício de imaginação aperfeiçoado. A título de exercício, leia um texto bíblico e, após, liste os cinco sentidos e anote, abaixo de cada um deles, os aspectos explícitos ou implícitos no texto que se referem a cada um deles. Veja, como exemplo, um exercício de exploração dos cinco sentidos referente ao texto da história da visita dos magos do Oriente, conforme Mateus 2.1-12.

a) Quanto à audição: a pergunta e a afirmação dos magos (v.2); o 'alarme' de Herodes e de toda Jerusalém (v.3); a convocação de Herodes a todos os principais sacerdotes e escribas do povo e sua indagação quanto ao lugar onde o Cristo deveria nascer (v.4); a resposta com a fundamentação profética (v.5-6); o chamado secreto dos magos por parte de Herodes, sua inquirição com precisão, seu envio a Belém e sua ordem (v.7-9a); a alegria dos magos "com grande e intenso júbilo" (v.10); sua adoração do menino e a entrega dos presentes (v.11); a divina advertência em sonho (v.12), entre

²⁹ REUSCH, 1986, p. 4-9.

³⁰ 1 João 1.1-3. Para aprofundamento do tema recomenda-se ver DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB.

Vida: dádiva e serviço. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 83-85.

outros detalhes e aspectos que podem ser arrolados quanto à audição no referido texto, a qual é, certamente, o sentido mais rico e mais enfatizado neste texto como nos textos bíblicos em geral.

b) Quanto à visão: as várias referências à estrela vista pelos magos, 'a estrela-guia' (v.2, 7, 9 e 10); a aparência (as roupas, as poses e as expressões visuais) do rei Herodes, dos principais sacerdotes e escribas, dos magos, do menino e de Maria, sua mãe, além de outros personagens não referidos pelo texto, mas implícitos à história, como José, os camelos e outros animais; a vista do palácio, da cidade de Jerusalém, do caminho, de Belém e da casa onde estava o nenê com sua mãe; as ofertas de ouro e mirra; a visão da divina advertência no sonho, além de outras cenas e de outros elementos visuais imagináveis. A visão é, certamente, o segundo sentido mais enfatizado neste e em outros textos bíblicos em geral.

c) Quanto ao tato: a maciez das sedas do rei Herodes e dos tapetes do palácio e a fofura do nenê em contraste com a aspereza do pó do caminho, da pele dos camelos, das roupas do nenê e de sua mãe e dos objetos toscos da casa, além de outras sensações táteis perceptíveis a partir da imaginação dos diversos personagens, objetos e cenários da história.

d) Quanto ao olfato: os perfumes e cheiros de comida boa no palácio, os cheiros dos presentes (incenso), os fedores dos camelos e de outros animais, o pó no caminho, o cheiro de nenê na casa, além de outros cheiros típicos de cada cena da história.

e) Quanto ao paladar: as comidas e bebidas servidas no palácio, a água tomada pelos magos e pelos camelos durante a viagem, a amamentação do nenê, enfim, detalhes variados explícitos e implícitos às diversas cenas da história.

Como se pode ver a partir deste exercício, é surpreendente a riqueza de elementos e detalhes da história que se evidenciam a partir da exploração e do uso dos cinco sentidos. É um exercício fundamental para um bom preparo prévio do narrador antes de elaborar qualquer narração propriamente dita, na qual ele certamente passa a integrar inúmeros elementos percebidos através da

exploração de cada um dos cinco sentidos.

Outra forma de narração com 'imagem-ação' consiste na exploração dos diferentes cenários que aparecem na história, ou seja, uma narração com ênfase na delimitação geográfica. Esta forma narrativa consiste na identificação e na delimitação dos diferentes cenários que aparecem na história, locomovendo-se o narrador de um para outro enquanto narra a história. Exemplifica-se esta forma narrativa com a história da vinha de Nabote, conforme 1 Reis 21.1-29. Neste texto pode-se identificar e delimitar vários lugares ou cenários, ou seja, a vinha de Nabote, o palácio do rei Acabe e a praça pública. O narrador identifica para os seus ouvintes estes diferentes lugares ou cenários e se locomove de um para o outro, enquanto narra os fatos que se passam em cada um deles. Por meio desta forma de 'imagem-ação' facilita-se a identificação, a caracterização e a visualização das respectivas cenas da história, tornando-se a narração descritiva e, conseqüentemente, mais plástica e real para os ouvintes.

Como a própria expressão indica, uma narração descritiva consiste na integração de dois gêneros literários, a narrativa e a descrição. A ênfase está na 'imagem-ação'. Enquanto na narrativa se enfatiza mais as ações, representadas no texto sobretudo pelos verbos, na descrição destaca-se mais as imagens, caracterizadas principalmente pelos adjetivos, embora não dê para fazer uma clara divisão ou separação morfológica de uso exclusivo ou preferencial de determinada classe de palavras em cada gênero literário. Pode-se, contudo, exercitar esta forma narrativa a partir da ênfase destas duas classes de palavras ou de uma delas num determinado texto bíblico. Após a leitura, passa-se a identificar, por exemplo, todos os verbos ou os adjetivos que aparecem no texto. Para-se após cada verbo ou adjetivo e imagina-se a ação ou a imagem. A partir disso, surgem, sem dúvida, inúmeras ideias quanto às ações e às imagens explícitas ou implícitas na história e que certamente enriquecem a narração.

São, portanto, algumas formas e possibilidades de se exercitar a narração com 'imagem-ação'. São variantes de um mesmo modelo narrativo, cujas palavras-chave são: imagem e ação. Como se vê,

não há forma e modelo narrativos puros, mas em cada um deles enfatiza-se mais determinados aspectos metodológicos para tornar o processo mais dinâmico e vivencial para os ouvintes.

Narração na perspectiva de personagens

Por ser a narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança o tema deste artigo, aborda-se este modelo da narração na perspectiva de personagens de forma mais detalhada em termos de descrição, exemplificação e comentários. Quanto à fundamentação, remete-se à abordagem já feita no segundo artigo (edição nº 25) sob o enfoque da releitura bíblica na perspectiva da criança. Ressalta-se, contudo, que a perspectiva da criança quer ser a ênfase em todos os modelos e formas de narração descritos, exemplificados e comentados neste artigo, não se restringindo apenas a este modelo específico que leva o referido título.

A narração de uma história bíblica na perspectiva de um personagem não permite que um narrador, distante do fato, narre a história, mas faz com que o próprio personagem, diretamente envolvido com o enredo, narre de forma viva e dinâmica, tornando a história mais próxima, pessoal e existencial aos ouvintes. Pode-se exercitar este modelo narrativo sob diferentes formas e perspectivas, a seguir descritas, exemplificadas e comentadas.

Uma forma específica consiste na narração na perspectiva da criança. A própria criança conta como ela vivenciou as histórias bíblicas em que ela aparece como personagem. Ela conta as histórias na sua visão e sob seu ponto de vista, destacando suas emoções, seus sentimentos e sua importância. A título de exemplificação de narração na perspectiva da criança, refere-se a história *Um menino reparte o pão*, baseada em João 6. 1-15, narrada na perspectiva do menino com os cinco pães e os dois peixes.³¹ Parte-se do pressuposto já fundamentado no segundo artigo (edição nº 25) de que se deve buscar um 'gancho' para trazer as histórias para mais perto das crianças, numa

perspectiva e numa linguagem mais próprias e inclusivas. Como sente-se uma criança, se esta história lhe é narrada literalmente tal como está relatada na Bíblia, onde em Mateus 14.21 se lê: "e os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças"? Nesta história o 'gancho' para uma releitura e uma narração na perspectiva da criança é este menino com os cinco pães e os dois peixes. Ouvindo a narração nesta perspectiva, as crianças certamente sentem-se mais incluídas na história e mais valorizadas. Além disso, o foco da história desloca-se do milagre de Jesus para a partilha.

Outro exemplo de narração na perspectiva da criança é a história *Deus protege a vida*, baseada em Êxodo 2.1-10, sendo a narração feita na perspectiva de Miriã, a irmã de Moisés, que acompanhou de perto todo o desenrolar da história.³² Além de trazer a história na perspectiva de uma criança que é personagem, esta narração é feita na primeira pessoa, o que a torna mais direta, mais próxima, mais pessoal e mais existencial, sensibilizando mais do que uma narração feita na terceira pessoa por um narrador externo e distante da história.

Em muitos textos bíblicos aparecem personagens crianças e, assim, estas histórias podem ser facilmente narradas na sua perspectiva. Às vezes, esta releitura não pode ser feita nas próprias linhas do texto, devendo ser feita nas suas entrelinhas.³³ Por que se insiste em narrar a história do dilúvio unicamente na perspectiva de Noé, personagem adulto e masculino? Na sua família havia também mulher, filhos e filhas, certamente. O desafio da narração na perspectiva da criança, portanto, é resgatar também sua perspectiva e exercitar uma narração mais inclusiva. Neste sentido, por que não narrar as 'histórias de Abraão' (Gênesis 12 a 25) na perspectiva de Isaque ou de Ismael? Certamente percebe-se, assim, que estas histórias não são só de Abraão, mas também de

³¹ KLEIN, Remí. O menino reparte o pão. DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB. *Somos confirmados*: livro do confirmando. São Leopoldo: Sinodal, v. 1, 1989. p. 6-7.

³² MEES, Sônia Luísa Trapp. Deus protege a vida. DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB. *O Amigo das Crianças*. São Leopoldo, v. 58, n. 21, p. 1, jul. 1995.

³³ MOTT, Odette de Barros. *O primeiro sorriso de Jesus*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. Apresenta a história do nascimento de Jesus (Lucas 20) contada na perspectiva de um filho de pastor de ovelhas. Portanto, uma releitura feita nas entrelinhas.

Sara e Hagar, de Isaque e Ismael e de tantos outros personagens mais. Ou por que não narrar a história de Ana (1 Samuel 1 e 2) na perspectiva de seu filho Samuel? Como exemplificação refere-se esta história narrada na perspectiva do filho Samuel (Ana pede um filho a Deus).³⁴ Nesta perspectiva, a história, sem dúvida, sensibiliza muito mais, não só as crianças, mas aos ouvintes de todas as idades.

Ao invés de narrar uma história na perspectiva de uma criança, pode-se igualmente narrá-la na perspectiva de outro personagem: o personagem central, um personagem secundário, um ouvinte, uma mulher, um animal, entre outros. Traz-se, a seguir, algumas indicações de histórias bíblicas, apontando estas variadas possibilidades de exercitar a narração sob diferentes perspectivas.

A narração na perspectiva do personagem central torna a história igualmente mais próxima e mais existencial para os ouvintes, podendo ser feita também na primeira pessoa, onde o personagem central assume o papel de narrador. Retomando a história de Bartimeu, baseada em Marcos 10.46-52 e já referida como exemplo de narração com fantasia e imaginação, pode-se muito bem fazê-la nesta perspectiva do personagem central, deixando Bartimeu narrar sua história. Este exercício pode ser feito com qualquer história bíblica. Convém, no entanto, que o narrador informe seus ouvintes de que ele vai se colocar no lugar de um personagem e narrar a história sob sua perspectiva. Isto facilita a identificação do narrador e dos ouvintes com o referido personagem e, conseqüentemente, uma maior sensibilização com a história e sua mensagem.

Outra forma é a narração na perspectiva de um personagem secundário. Por exemplo: Pode-se narrar a história da cura do paraplégico de Cafarnaum (Marcos 2.1-12) na perspectiva dos quatro amigos do paraplégico. Ressalta-se, assim, não só o milagre de Jesus, mas também a solidariedade dos amigos, que é, sem dúvida, uma ênfase central nesta história, pois no versículo 5 lê-se: "Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paraplégico: Filho, os teus pecados estão

perdoados." Outro exemplo de narração na perspectiva de um personagem secundário: O narrador pode colocar-se no lugar de Simão, o Cirineu (Lucas 23.26) e sob sua perspectiva narrar a história da crucificação de Jesus. Outra variante é a narração na perspectiva de um ouvinte. Por exemplo: Os ouvintes contando como Jesus acolheu as crianças (Marcos 10.13-16) ou alguém ouvindo no templo as orações do fariseu e do publicano (Lucas 18.9-14).

Outra possibilidade é a narração na perspectiva dos animais. Mesmo sendo sempre personagens secundários, os animais são muito significativos para o mundo das crianças. Algumas indicações quanto ao uso desta perspectiva na narração de histórias bíblicas: Se o burrinho falasse, como ele contaria as histórias do nascimento de Jesus (Lucas 2), da fuga para o Egito (Mateus 2) e da entrada triunfal em Jerusalém (Mateus 21)? Ou, se uma pomba falasse, como ela contaria a história do dilúvio? (Gênesis 6 a 9) A pomba tem neste relato um papel importante, constituindo-se num 'gancho' significativo para narrar a história sob sua perspectiva.³⁵ Trata-se de exercícios de fantasia e imaginação, mas que possibilitam, sem dúvida, um acesso significativo às histórias, especialmente para crianças menores.

Outrossim, conforme já referido, os relatos bíblicos apresentam uma perspectiva muito androcêntrica. Assim como as crianças, também as mulheres eram marginalizadas no mundo bíblico. Por isso, é importante resgatar o papel e a importância da mulher nas histórias a serem narradas. Uma forma de fazê-lo é o narrador colocar-se no lugar de uma personagem mulher e narrar as histórias sob sua perspectiva. Exemplos de narração na perspectiva da mulher: Pode-se narrar as histórias de Gênesis 12 a 25 na perspectiva de Sara ou de Hagar, a história de 1 Samuel 1 e 2 na perspectiva de Ana ou a história de João 8.1-11 na perspectiva da mulher adúltera.

Outra variante é imaginar o "depois", ou seja, como a história continuou. Muitas histórias na

³⁴ DROOGERS, Ineke. Ana pede um filho a Deus. DREHER, Carlos A., WACHS, Manfredo C., KLEIN, Remí. *Menina, levanta-te!* São Leopoldo: CEBI-SUL, s/d. P. 40-42.

³⁵ KLEIN, Ires Lausmann; KLEIN, Remí. A arca: um lugar seguro, mas passageiro. DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB. *Manual para o Culto Infantil 1995*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 175-178.

Bíblia não têm fim. Não se sabe, por exemplo, o que aconteceu com o irmão mais velho na história de Lucas 15.11-32. Como foi que Maria Madalena contou aos discípulos a ressurreição de Jesus? (João 20.1-18) Esta perspectiva é uma forma de dar continuidade às histórias e perceber a consequência do relacionamento com Jesus para a vida dos personagens.

Paráfrase e narração na linguagem de hoje

A paráfrase e a narração na linguagem de hoje consistem numa reelaboração e contextualização de uma história numa nova forma e numa linguagem atualizada, conservando-se, porém, suas ideias originais. Visam trazer a história para mais próximo do mundo local e atual dos ouvintes, sendo formas que podem ser usadas especialmente com histórias que retratam aspectos e elementos desconhecidos e distantes da sua realidade. Nestes casos, pode-se adaptar a própria história e não só a linguagem, contextualizando-a. Deve-se ter, contudo, o cuidado de preservar seu escopo ou mensagem central. Deste modo, observa-se uma fidelidade não 'textual', mas 'efectual', determinada, sobretudo, pelo princípio da atualidade.

Pode-se também usar a técnica da paráfrase para adaptar textos muito densos, compactos, discursivos e dogmáticos em formas mais narrativas, desdobrando conceitos abstratos em enredos com personagens e diálogos, tornando assim os textos mais plásticos e suas mensagens mais palpáveis. A título de exemplificação, refere-se uma história parafraseando o texto de Deuteronômio 6.20-25.³⁶ No referido texto, evidencia-se o modelo de educação na fé existente entre o povo de Israel: as gerações adultas narravam a história do agir de Deus com seu povo a partir das perguntas feitas pelas novas gerações. Na referida exemplificação, elaborou-se, a partir do texto bíblico, um novo texto, parafraseado-o para a realidade e a atualidade das crianças. Recriou-se o texto bíblico numa forma mais narrativa, criando personagens e diálogos, para articular, neste enredo,

de forma mais simples e concreta, os conteúdos discursivos e os conceitos dogmáticos implícitos no mesmo.

Narração de antitexto

Outra possibilidade narrativa é a desfiguração através de antitexto. É uma técnica recomendada especialmente para a abordagem de histórias por demais conhecidas e que, por esta razão, já não têm mais muito a dizer para os ouvintes. Por meio da desfiguração, elabora-se e descreve-se uma situação exatamente contrária àquela que aparece no texto original para, assim, fazer a história articular-se de forma nova e possibilitar um novo acesso à sua mensagem. Nelson Kirst, em seu livro *Rudimentos de Homilética*, assim explica e exemplifica esta técnica de desfiguração de um texto através de um antitexto:

Com esta técnica, lê-se, por exemplo, a parábola do filho pródigo (Lc 15. 11-32), desfigurando-a a partir do momento em que o pai reage ao retorno do filho: o pai não aceita as explicações; toda a vizinhança já vinha comentando o caso há muito tempo; estava magoado, amargurado; agora, finalmente, tinha oportunidade de descarregar toda a raiva acumulada; por isso, explodiu na cara do filho: desapareça e não se arrisque a voltar! Mostrou aos vizinhos o que pensava desse renegado; o filho mais velho congratulou-se com o pai e alegrou-se; o pai pensou: pelo menos um que tem a cabeça no lugar, nesta família.³⁷

Parafraseando o referido autor³⁸, pode-se dizer que o objetivo desta técnica narrativa é dar o que pensar e possibilitar uma redescoberta de histórias bíblicas já por demais conhecidas. Muitas vezes, as crianças já sabem como certas histórias bíblicas vão terminar e desligam durante a narração. No antitexto, segue-se a moldura dada pelo texto original, mas inverte-se a afirmação central, de modo a articular um ponto de vista inverso. Assim, a narração de uma história desfigurada cria um choque e um confronto com os padrões tão conhecidos e provoca as crianças a defenderem mentalmente o texto original, passando a pensarem

³⁶ SCHULTZ, Valdemar. Perguntas e histórias. DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB. *O Amigo das Crianças*. São Leopoldo, v. 58, n. 36, p. 1, out. 1995.

³⁷ KIRST, Nelson. *Rudimentos de Homilética*. São Paulo/São Leopoldo: Paulinas/Sinodal, 1985. p. 108-109.

³⁸ KIRST, 1985, p. 108-109.

de uma forma renovada sobre esta história e sua mensagem.

Narração com recursos

Pode-se exercitar a narração com recursos a partir de gravuras, elaborando, a partir delas, as respectivas histórias bíblicas nelas representadas. Um bom ensaio no preparo desta forma narrativa é olhar determinada gravura e, sem mostrá-la a uma outra pessoa, procurar descrevê-la para ela. A seguir, pode-se pedir-lhe que narre ou desenhe como se imagina a gravura a partir da descrição feita. Neste exercício percebe-se como é importante não só narrar as ações, mas também descrever as imagens para que o ouvinte consiga imaginar a história representada na gravura. Conforme já se enfatizou no modelo de narração com 'imagem-ação', é muito importante exercitar-se este processo narrativo-descritivo no preparo da narração de qualquer história bíblica, com ou sem o uso de uma gravura, pois assim adquire-se inúmeras ideias de imagens e ações que estão explícitas ou implícitas nos textos bíblicos, mas que, muitas vezes, passam despercebidas tanto para o narrador como para os ouvintes.

Além da gravura, pode-se também narrar uma história, representando-a visualmente por meio de contornos de pés dispostos no chão ou num quadro, antes ou durante a narração. A técnica consiste no seguinte: O narrador identifica os personagens principais na história e recorta ou rasga contornos de pés para cada um deles, em diferentes cores, dispondo-os cenicamente antes ou durante a narração.

Para exemplificar esta técnica, refere-se a história do filho pródigo, de Lucas 15. 11-32. Nesta história os três personagens principais são o pai e os dois filhos. Escolhe-se, neste caso, três cores distintas de papéis para recortar ou rasgar os contornos de pés para estes três personagens, dispondo-os cenicamente no chão ou no quadro de acordo com o enredo da história. Algumas perguntas que podem ajudar na escolha das cores dos papéis e na forma de fazer os contornos dos pés: Que cor escolher para que personagem? Qual é a cor que representa melhor o pai amoroso? É melhor usar o papel jornal para o filho mais novo

ou para o filho mais velho? Em que situações recortar e em que situações rasgar os contornos dos pés? Assim, com os contornos dos pés previamente dispostos no chão ou num quadro ou colocando-os concomitantemente, o narrador passa a apresentar verbal e visualmente a história.

Ao invés do narrador apresentá-la, pode também distribuir esta tarefa aos participantes que, em grupos, preparam e dispõem cenicamente os contornos dos pés, representando assim a história. Recomenda-se esta modalidade, sobretudo, para a abordagem de histórias já por demais conhecidas, ocorrendo, desta maneira, um novo acesso a elas e momentos de muito diálogo entre os participantes, especialmente durante a confecção e a disposição cênica dos contornos dos pés dos personagens, ficando a narração, neste caso, numa função secundária.

Além da gravura e da narração com contornos de pés, pode-se usar outros recursos visuais como flanelógrafo, álbum seriado, teatro de bonecos e jogos bíblicos, bem como recursos audiovisuais. Há inúmeras possibilidades de enriquecer a narração com o uso de recursos. Além dos recursos audiovisuais, recomenda-se também incorporar a expressão corporal. Uma técnica consiste na sessão historiada. Nesta forma narrativa, mais apropriada a crianças bem menores, vivencia-se durante a narração todas as sensações e situações que aparecem na história, na base do "faz de conta", imitando os personagens e criando expressões faciais, gestos, poses, movimentos, sons e ruídos de acordo com o enredo e todo o desenrolar da história.

Descreve-se, a seguir, um exemplo de história bíblica propícia para uma sessão historiada: Jesus acalma a tempestade, conforme Mateus 8.23-27. Inicialmente, todos fazem de conta que são um barco. Imaginam-se que são os discípulos e que estão num barco com Jesus. Por meio de expressões faciais, demonstram que estão calmos e alegres. Emitem sons e ruídos de ondas calmas do mar e se balançam suavemente. Sobrevém, então, uma grande tempestade. O barco é varrido pelas ondas. Todos procuram representar isto por meio de suas expressões faciais e seus gestos apavorados, balançando-se de forma intensa e agitada,

umentando o ritmo dos seus movimentos e o volume dos seus sons e ruídos. Em meio e em contraste a esta cena, o narrador ou algum outro participante representa Jesus que está dormindo. Todos tentam sacudi-lo, clamando por socorro. O personagem Jesus levanta-se com toda a calma, fala pausadamente com todos que estão apavorados e agitados ao seu redor e, erguendo seus braços e suas mãos, repreende os ventos e o mar. Tudo acalma-se e todos maravilham-se, isto é, ficam boquiabertos, exclamando: "Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?" (v. 27)

Como se pode ver, a fala assume um papel secundário na sessão historiada. O narrador coordena a atividade, propondo apenas, em seqüência, as diferentes situações e sensações que aparecem na história. Todos os participantes em conjunto procuram vivenciá-las por meio de jogos dramáticos. A ênfase maior desta forma narrativa está na variação das expressões faciais e da intensidade dos sons e dos ritmos dos movimentos corporais dos participantes enquanto personagens, vivenciando assim a história e sua mensagem a partir das diferentes situações e sensações que nela aparecem. Trata-se de uma forma narrativa que mexe muito com os sentimentos dos participantes, favorecendo o estabelecimento de uma profunda sensibilização e identificação com os personagens da história e, conseqüentemente, com sua mensagem.

Além da sessão historiada, há inúmeras outras possibilidades de associar a narração à expressão corporal, seja através de gestos e movimentos, jogos dramáticos, dramatização ou teatro propriamente dito. Pode-se também 'vestir os personagens' com jornais e revistas, associando este recurso especialmente à narração feita na perspectiva de personagens. Por questões de delimitação e especificação do tema em estudo, opta-se, porém, em não desdobrar estas possibilidades e variantes de recursos audiovisuais e de expressão corporal, embora se as considere igualmente relevantes para a Educação Cristã. Perguntando uma pessoa sobre uma história bíblica marcante na sua infância, a história do nascimento de Jesus é frequentemente referida, não somente por sua narração pura e simples, mas especialmente

por sua encenação e suas imagens visualizadas em livros ou filmes ou vivenciadas em presépios vivos. Há, portanto, uma gama de possibilidades de formas e recursos narrativos a serem exercitados especialmente no trabalho com crianças em Educação Cristã. Cada forma e cada recurso têm suas vantagens e suas limitações. Cabe ao narrador escolher e variar os modelos de acordo com cada história e situação. No entanto, o que importa, acima de tudo, é narrar histórias bíblicas para as crianças, procurando fazê-lo de forma criativa, com 'imagem-ação', na sua perspectiva, apostando que a melhor pregação do Evangelho para elas é uma bem narrada história bíblica.

[Recebido em: outubro de 2011.
Aceito em: novembro de 2011].